



O CHAFARIZ DE SAINT-MACLOUD.

« PELA graça de Deus (escrevia um antigo chronista) esta cidade de Ruão tem a honra de possuir muito boas e formosas fontes em cada bairro para commodidade dos habitantes. »

O cuidado que se empregou na erecção d'estes monumentos de utilidade publica naturalmente levou a ornamental-os de um modo adequado e conforme o gosto dos moradores e da epocha. Entre todos, sendo ainda hoje interessantes os denominados da Cruz

de Pedra, do Baculo, e do palacio Lisieux, é notavel o chafariz de Saint-Macloud, adjacente a igreja da mesma invocação. É uma obra do tempo da renaissance, que não sendo de grande vulto faz-se recommendavel pela elegancia, pela singeleza da composição, e pelas engraçadas esculpturas, trabalho de João Gonjon. As lindas figuras de meninos não são as unicas obras do mesmo esculptor que adornam a bella igreja de Saint-Macloud. Os baixos relevos das por-

tas do poente e do norte, representando o *transito da Virgem e o baptismo de Christo*, procedem do mesmo cinzel tão puro e gracioso.

Perto da fonte está a entrada da casa dos ossos, chamada de Saint-Macloud, que em Ruão é o mesmo que a catacumba dos Innocentes em Paris. Langlois descobriu nas columnas d'este edificio antigo fragmentos desgrazadamente informes de uma *dança macabra*, cujos personagens diversos, menos mal conservados, appresentam os vestigios de uma arte singela e grosseira que contrastam mui singularmente com os ornatos da renascença no templo e na fonte contigua. «Existe uma doação feita em 1228 por Godofredo de Capreville de uns bens que lhe pertenciam,» — «na parochia de Saint-Macloud da parte de fóra da cidade,» — : a igreja não passava então de uma ermida. Pelo fim do seculo 15.^o se tratou de erigir o templo actual e em 1511 levantou-se a plataforma que sustenta a torre dos sinos.

SUA Magestade a Senhora D. Maria II. (1)

Sunt lacrimæ rerum, et mentem mortalia tangunt.

VIRGIL. — ENEID.

Remota custodia militari, tutior publici amoris excubiis pergebat.

SUET. IN CÆSAR.

Arcum suum tetendit... et in eo paravit vasa mortis.

PSALM. VII, V. 14.

Na vida domestica a senhora D. Maria II só offerece exemplos e lições de eterna saudade.

Todas as horas, que podia desocupar do exame dos negocios, applicava-as a amenisar a existencia do esposo, e a enriquecer o engenho dos principes. As prendas proprias do seu sexo, e a instrucção superior a elle que tinha bebido no estrangeiro, habilitaram-na para seguir attentamente os progressos de seus filhos, comparando o aproveitamento com os esforços, e despertando n'elles pela emulação a honrosa ambição do saber.

Usando de disciplina amorosa e severa ao mesmo passo, reprehendia a mais pequena falta, estranhava a mais leve ommissão, e sopeava o excesso das qualidades, perigo quasi certo nas organizações generosas e infantis. Dos mil segredos que a ternura maternal estuda para guiar a innocencia, amaciando-lhe o enfado dos rudimentos, nenhum se esqueceu de empregar, e de todos conseguiu optimo fructo. A prudencia, que nas almas viris acompanha sempre o grande affecto, nem por um momento se desarmava da necessaria vigilancia, espreitando para o cohibir o menor germen de desleixo, ou de orgulho, e pondo em pratica tudo o que pudesse ornar a intelligencia, e ao mesmo tempo quanto concorresse para o aperfeiçoamento religioso.

Instruidos no começo por um estrangeiro cuidadoso e lido nas sciencias, o conselheiro Dietz, os Principes, e especialmente o herdeiro da corôa, apenas este se ausentou depois de 1846, foram confiados á direcção de um portuguez de costumes austeros e talentos pro-

vados, o sr. Abreu e Lima, visconde da Carreira, diplomata de abonados creditos. Mestres escolhidos com summo escrupulo, e indigitados pela aptidão particular, entre os quaes se conta o sr. Viale, socio da academia real das sciencias, e empregado distincto da bibliotheca nacional, ajudando os desejos dos augustos paes, e aproveitando as felizes disposições dos alumnos, adiantaram rapidamente os seus progressos nas diversas provincias do saber, obtendo que a lição excedesse a idade, e que o calor natural dos annos não derramasse a seiva esterilmente por ociosas distrações cheias de precipicios, e raras vezes isemptas de futuros desgrazados.

A rainha longe de se enfraquecer em mimos era a primeira a recommendar a gravidade do ensino; e prescrutando a vocação de cada um media por ella constantemente os conselhos e diligencias. Nem um só dos rasgos, que desenham a indole, e logo da infancia pintam os homens, escapava á penetração da sua vista; e a reflexão a que os sujeitava, servia-lhe para decidir o que importava conter, ou estimular, segundo as propensões e o character.

Dia e noute, a qualquer hora que fosse, no recato do estudo, ou no bulicio das recreações, e quando mais longe os suppunham, achavam sobre si o affago, o rigor, ou o castigo. As nobres aspirações dignas do sangue real, e os actos de talento e de bondade tinham certo e prompto o premio; mas os defeitos contrarios tambem contavam logo com a censura e o desagrado. Nenhuma das liberdades que prejudicam a bem regrada educação era permittida aos principes. As vaidades e lisonjas que alteram os costumes, degenerando a indole, e acostumando insensivelmente os poderosos a julgarem-se superiores aos vinculos moraes, foram sempre condemnadas e repellidas. Tanto o herdeiro da corôa, como os infantes aprenderam a amar-se e a respeitar-se como irmãos, e a verem a verdadeira nobreza acima do nascimento nas luzes do espirito, e nas qualidades do coração.

Creados para florescerem n'uma epocha ciosa das garantias politicas, e ardente na sêde de imaginadas igualdades, cuidou-se em os apropriar aos habitos d'ella, insinuando-lhes as maneiras abertas, os ditos a proposito, que ministra a instrucção liberal, e sobretudo inculcando-lhes aquelle toque de apravel cortezia, esmalte da jerarchia e precioso dom de grangear promptas e numerosas sympathias.

A rainha quiz que o amor de seus filhos ás instituições assentasse no conhecimento da sua philosophia, e para isso dispoz-lhes o animo e a intelligencia afim de figurarem com lustre na scena constitucional. Netos e descendentes de grandes monarchas, tratou de os confirmar na devogão á patria, apresentando-lhes desde a meninice, como incentivo, o glorioso espectaculo dos arrojados commettimentos dos portuguezes na Africa, na Asia, e na America, e o quadro das proezas de tantos varões illustres por armas, e virtudes nos seculos de esplendor, e até nos periodos em que principia a declinação. A historia de todas as nações, e a critica das causas do seu engrandecimento e decadencia, completaram o ensino por este aspecto com a indispensavel solidez.

Na instrucção moral os mesmos extremos, e identico exito! Religião sem fanatismo, gravidade sem affectação, e caridade sem fausto. Os exemplos mais persuasivos sobravam junto dos principes para se conservarem no caminho do justo. Abridada do contacto da corrupção e do scepticismo vicioso, a innocencia da alma, (flor tão susceptivel de se perder) nem nos livros, nem nos discursos, nem nas acções, suspeitou, ou viu nunca o mal senão para se exaltar no

(1) Continuado de pag. 159.

horror dos seus effeitos, e no odio da sua origem. O resultado d'estes cuidados incansaveis amadurecia já nos mais velhos de seus filhos, quando a morte interrompeu a sollicitude da senhora D. Maria da Gloria. No estudo das sciencias naturaes, das linguas, e das artes e disciplinas mais necessarias, tanto o senhor D. Pedro V, como o senhor infante D. Luiz, tinham adiantado bastantes progressos para a rainha, satisfeito o orgulho materno, se reputar mais do que recompensada dos seus desvelos.

A senhora D. Maria II, entre seus filhos, mostrava-se igual na ternura e na vigilancia. A perfeição de seu esposo no desenho e na gravura, e os primores de gosto com que o seu buril se enriquecia de obras delicadas, entretinham as horas dos serões, fazendo-as correr breves como instantes. Na carinhosa intimidade que depois aggrava as penas á viuvez, cercados da mimosa descendência do seu amor, el-rei esboçando um quadro, ou abrindo uma lamina, recordação de alguma scena, ou de alguma vista das encantadas paizagens da sua estimada Pena, e a rainha occupada nos labores proprios do sexo, revendo no semblante o prazer e a serenidade, formavam o retrato da mais acabada felicidade moral, podendo metter inveja ao inquieto e sombrio desconsolo de muitos interiores domesticos, nunca unidos, e sempre desditosos.

A applicação de todos os pensamentos e faculdades a obrigações agradas, esta fidelidade á mais branda e elevada missão da alma, é que teceram á rainha a preciosa corôa de saudade, com que a venera a justiça popular. Verdadeira imagem da maternidade extremosa, a virtude de que deu constantes provas, observando-a naturalmente, galardoou-lhe os esforços com a admiração dos subditos, com a magua inconsolavel do esposo, e com o merito e a gratidão dos filhos.

A senhora D. Maria II, como D. João I, deixou apoz si um nome de boa memoria, e uma descendencia formada pelos votos do seu coração. A' similhaça de D. João IV, recebendo a corôa e firmando-a na cabeça pelo decidido auxilio dos vassallos, nunca olvidou que a liberdade fôra uma condição reciproca e expressa n'este pacto de heroismo. Na adversidade tinha aprendido a compaixão pelos desgraçados, e a humanidade do tracto com os infelizes.

Segundo notámos a sua infancia poderia reputar-se uma continuada provação. Apenas entrada em uso de razão, atravessa os mares, e salva quasi por milagre das ciladas diplomaticas, repete a trabalhosa navegação para volver ao refugio da côrte de seu pae.

Na infancia em que os extremos maternos são tão meigos, chora as primeiras lagrimas sobre as cinzas da princeza, que lhe deu o ser. Mal começa a gozar-se da vida experimenta o desterro e a hospitalidade do estrangeiro; as dôres e os receios da ausencia e da lucta do imperador pela sua causa; e logo depois as penas incuraveis da perda do pae mais querido, e do esposo escolhido por elle.

Os favores e as asperezas da fortuna alternam-se na balança do seu destino. Hoje deplora os rigores da sorte, e amanhã quasi sem transição sentirá a alegria delirante de tornar a ter patria, familia, sceptro, e os jubilos de mãe e de esposa. Em trinta e quatro annos tudo viu e tudo supportou. No meio das crises arriscadas, e entre os cuidados tantas vezes exacerbados, quantos dias não chegou a lembrar-lhe com saudade o tempo em que separada de seu pae, em idade fragil, descobria com os olhos arrasados de lagrimas aquelle cabo toucado de procellas, que fez a gloria dos nossos navegadores, e a opulencia de tres monarchas? Quantas horas de melanco-

lia a não obrigariam no solio a suspirar pelo desconfortado e solitario tecto do estrangeiro?

Quando finalmente parecia vinda a occasião de se confiar no futuro e de repousar, é que Deus a arranca dos braços que lhe tornavam suave o peso da existencia! Que destino singular a acompanha do berço até a sepultura, não cessando de lhe multiplicar os combates; e não menos singular que fortaleza a sua para nunca desanimar, ou se cansar de os vencer!

Piedosa, a rainha acudia sempre a consolar. Nunca as prosperidades a ofuscaram, nem os desastres a succubiram. Contemplava os dias de bonanga quasi do mesmo modo que olhava para os horisontes tempestuosos. Em 1818 o terremoto das monarchias não lhe quebrantou a constancia. Erguendo contra os reveses o forte escudo da consciencia esperou sem desalento, que a Providencia dispozesse, não mostrando fraqueza, nem ostentando vangloria.

O cadafalso politico não maculou os annos do seu governo. O sangue dos subditos não lhe manchou os arminhos reaes. Levou-os para o tumulo, candidos e puros, como os recebeu a primeira vez na flor da innocencia. A sua clemencia mitigou a adversidade dos tempos, e applicou ás feridas civis o possivel lenitivo. Estreitando em laço commum a realza com a liberdade, converteu em protectores naturaes dos subditos, e em esteios da monarchia nova, os dous principios rivaes e inimigos, que por tão longo espaço têm ensanguentado toda a Europa.

O deposito das instituições confiado ás suas mãos pelo imperador na hora suprema, foi por ella fielmente guardado; e ligada pelas promessas feitas sobre o leito de morte de seu augusto pae, soube manter e continuar a obra de que elle tinha sido o legislador e a espada.

As palavras proferidas nos ultimos momentos do grande homem, tocadas da ternura e do interesse que dedicava ás prosperidades da nação e da dynastia, entalharam-se religiosamente no peito da sua herdeira; e ditas quasi na presenca de Deus, e de certo sendo Deus presente, serviram de conselho e de guia a todos os actos do seu reinado.

Orphã, e entregue a si e a lealdade do paiz, sem outro amparo, allrontou os tempos e os perigos; e por entre o agitado periodo de um governo, curto para a nossa ventura, mas em proporção com a ordem natural do mundo, conseguiu navegar sem naufragio, e metter no porto a salvo de ruina aquelle milagroso baixel da Terceira por D. Pedro conduzido á victoria do Mindello ate Lisboa.

Que epochas e que lances a superar! As discordias da guerra mal extincta; os odios envenenados; as paixões e as suspeitas sobre as armas, as idéas exaltadas e os desejos impacientes, perturbando o giro pacifico dos negocios; e o sedimento infeccionado das luctas prolongadas corrompendo, ou degenerando os mais nobres instinctos e as almas menos inclinadas aos precipicios!

Eis o quadro do que se lhe offerecia para conter e subjugar; eis o desenho dos inimigos com que teve de combater desde o começo; não seria empreza para desanimar o animo de um general illustre, ou de um politico eminente? A senhora D. Maria II recobrou-se do encontro das difficuldades, timbrando em lhes não ceder.

Aliviava o lucto de seu pae, e enchugava as lagrimas da primeira viuvez no affectuoso carinho do segundo esposo, quando ouve bramir assedições em volta de si, e logo atraz sôam gritos de rebellião e gritos de dôr por todos os angulos do paiz. O doce penhor do seu enlace já tremia nas entranhas, quan-

do tudo fazia receiar que as salvas natalicias fossem as descargas de uma batalha, mesmo ás portas da capital!

A Providencia, porém, compadecida fortificou-a para os trabalhos que a esperavam, concedeu-lhe a firmeza e a prudencia, e completou-as pela bondade.

Quem melhor, e mais do que a rainha attestou esta virtude, não só perdoando, mas indo adiante do perdão pelo esquecimento? Quem mais vezes, e mais opportunamente usou da bella prerogativa do soberano nas monarchias livres, abrindo as portas da patria aos desterrados, correndo a miudo um véu espesso sobre o passado, e como extremosa mãe juntando em roda do solio aos que tinham nascido irmãos e filhos na grande familia que regia? Benefica por inclinação, e generosa de animo, nunca deixou perder a occasião de apagar dissidencias, e de unir em uma vontade só os esforços dos subditos. Repetidos testemunhos o affirmam. Não houve lucta ou conflicto em que não manifestasse o seu desvelo a favor dos vencidos, espontaneamente. Quando cerrou os olhos nem um unico cidadão proscripto gemia em exilio forçado longe de Portugal. Quatro annos antes tinham sido revogados os ultimos rigores da lei pelo ultimo acto de clemencia da senhora D. Maria da Gloria.

A sua piedade era profunda e convencida, mas isempta de preconceitos. Não se padecem as alternativas da fortuna sem levantar os olhos e a alma para Aquelle, que dá e tira os imperios aos reis, erigendo a humildade, e confundindo a soberba. Exemplo da sua justiça a senhora D. Maria II reconhecia a mão de Deus nos prodigios que lhe restituiram a terra de seus avós, nos rasgos sublimes que sujeitaram o impossivel, e na propria constancia de que fôra dotado o seu espirito. Nascidas de sinceras crenças, e não de uma vulgar ostentação, as suas devoções fugiam do estrepito para o recolhimento e o silencio. Por dolorosa, que a magoasse, a cruz de tantos cuidados nunca a vergou, ou esmoreceu. Os sentimentos catholicos, bebidos desde a infancia no estudo e appropriação das maximas de uma austera educação religiosa, eram o seu conforto e a sua luz, no momento de attender aos deveres espinhosos de esposa, de mãe, e de rainha. A moral em acção e a virtude risonha, fructos d'esta preciosa semente lançada no seu coração, nunca se desmentiram, nem affrouxaram. Praticando as verdades evangelicas nas obrigações da vida; adorando a Deus na pureza dos costumes, no amor conjugal, na creação vigilante e christã dos filhos, e no amor zeloso dos subditos, mereceu a saudade dos que abençoam o seu nome, e até o respeito dos que defendem a contraria causa.

As nações não se enganam, quando julgam placidamente os monarchas, e a portugueza entre prantos e tristezas disse quanto um povo pôde dizer no sepulchro do seu rei.

A viagem da senhora D. Maria II ás provincias do norte deu a medida do que devia esperar-se da publica affeição. A entrada das villas e cidades, e a beira das estradas as populações saudando-a com vozes de antiga lealdade não se saciavam de a admirar no meio da esperancosa familia, que a rodeava. As bençãos dos anciãos, os extremos das donzellas, e o applauso de todas as classes, formaram-lhe um triumpho permanente. A alma da rainha tocada desimpathia, e grata ao enthusiasmo, a colheu os subditos com brandura, e no meio d'elles a pé e sem guardas, como uma mãe entre seus filhos, subia aos templos para orar a Deus, ou visitava os monumentos para recordar os prodigios da fundação, e a gloria dos incrementos do velho Portugal.

Foram dias aquelles dos que lembram na velhice! Foram instantes dos que resumem seculos para o soberano, provando que sobre a terra ainda resta alguma cousa para nos apontar o céu!

Como se previsse já d'ali, que todas as pompas depressa caíriam nas trevas do sepulchro, a senhora D. Maria da Gloria tornava o sceptro tão ligeiro e a corôa tão familiar, que era o idolo das multidões, não se cançando de lhes abrir facil accesso. Afavel com dignidade, estimando em uns a jerarchia, e não abatendo em outros a humildade, tinha sempre nos labios uma palavra lisonjeira, e nas mãos um beneficio prompto para satisfazer os poderosos, e animar os desvalidos. Assim percorreu as villas e cidades dos seus estados, deixando em todas testemunhos da magnanimidade do coração. Depois de ella passar levantaram-se ao Altissimo as orações da pobreza consolada no fundo das suas choupanas e aonde os dons dos principes fizeram raiar momentos de paz e regosijo. A senhora D. Maria da Gloria recolhendo-se conhecia melhor o seu povo, e por experiencia propria esta formava tambem exacta idéa da sua rainha. Os vinculos de affecto e de obediencia tinham-se apertado tacitamente; e a tradição monarchica, sentimento de sete seculos, acclamando na filha de D. Pedro a neta dos antigos reis, promettia-lhe aquella dedicação que fez heroes em Aljubarrota e Montes Claros os guerreiros do Mestre de Aviz e de D. João IV.

O fim de ordinario é o escolho dos fortes. O mesmo Christo diante do calix da amargura tremeu na carne!

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



CABRO MAGNETICO DOS CHINAS.

Os CARROS magneticos chinas ou bussolas terrestres foram inventados, segundo a *Encyclopedia japonesa*, pelos chinas mais de dez seculos antes da era christã. A figura automatica tinha o braço sempre apontando para o sul. A tradição diz o seguinte: Mil e cem annos antes da nossa era alguns habitantes de Yéou-tchang, reino maritimo do sul, vieram trazer ao rei Tching-wang um faisão branco, dous

faisões pretos e um dente de elephante: o ministro Tchéou-koung, em retribuição, lhes fez presente de cinco carros leves que indicavam o sul para largas viagens. Na dianteira d'estes carros havia uma figurinha que, fosse qual fosse o lado para onde se dirigissem estes, voltava-se sempre para o sul indicando-o com a mão.

Este invento não era de pouca utilidade para os viajantes que tinham de percorrer vastos espaços deshabitados, onde as veredas, quando as havia, se cruzavam em oppostas direcções: foi attribuido a Hoang-ti, e fundava-se no conhecimento das propriedades da agulha magnetica. Parece que tambem nos passeios e nas cidades se usava d'estes carros, havendo-os de diversos tamanhos e preços. Nos funeraes de Tching-wang appareceu um grande carro de pedras preciosas, puxado por um carrinho magnetico.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMÓRIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XXII.

Matta de Fretos.

ENTRE os terrenos baldios ou logradouros dos moradores de Arrayolos o principal era a *Matta*, chamada de *Fretos*, sita na freguezia de Santa Anna do Campo. É tradição muito em voga na terra que esta *matta* fôra legado deixado ao povo por pessoa particular para bastecimento de lenhas e pastagem dos gados. Não nos inclinamos a esta tradição, e assentamos que este baldio teve a mesma origem dos outros pertencentes ás demais villas e cidades, isto é, que foi terra desfructada sempre em commum desde o principio da povoação, sem que fosse em algum tempo anterior possuida por pessoa particular (1).

Por varias vezes se tem movido duvidas sobre porções da mesma *matta*, que os vizinhos pretendiam incorporar em suas propriedades; mas a camara acedia e obstava a estas usurpações (2).

(1) Não nos faz peso a favor da tradição o vêl-a asseverada vagamente na vereação de 16 de margo de 1701, e na de 16 de novembro de 1710, etc. mencionadas no texto. Muito menos ainda a memoria que a camara mandou á academia real da historia portugueza em 1722 quando accrescenta que a *Matta* fôra deixada ao povo por certa mulher, irmã de João Garcez, o fundador do convento dos Loios; porquanto esta asserção é evidentemente falsa. Para o provar bastará uma breve combinação de datas. A primeira pedra do convento dos Loios foi lançada em 1527, vivendo João Garcez, e n'este mesmo tempo deviam viver seus irmãos, ou a serem fallecidos, conservar-se d'elles mui fresca memoria. Como é pois que no anno antecedente (1526) em questão suscitada sobre a posse de uma porção da *Matta de Fretos* com os Beguinos (eremitas de S. Paulo) do convento de Santa Margarida junto de Evora, não produziu a camara outro documento a seu favor além da posse immemorial? (Doc. no cartorio da camara.)

(2) No cartorio da camara, no masso, que contém documentos sobre a *Matta de Fretos*, conservam-se varios sobre questões d'esta natureza.

Da mesma maneira foi origem de graves controversias o modo de aproveitar a mesma *matta*, pretendendo uns que convinha cultivar-a, e outros defendendo que mais valia aproveitar-lhe só os productos espontaneos, que são lenhas e pastos.

Este ultimo systema era seguido nos fins do seculo 17.^o, quando contra elle requereram os procuradores dos mesteres em camara de 30 de maio de 1693, «que a *Matta de Fretos* se repartisse em courellas pelos moradores para se cultivar, visto que criava muitos lobos e javalis, etc. (3)» Estas razões foram attendidas, e nos annos seguintes se repartiram as courellas (4).

Com a questão da cultura se travou outra sobre a propriedade da *matta*. Pretendê-se discernir se a *matta* era propriedade do concelho ou do povo. Questão que em razão da nossa antiga organização municipal, não era tão ociosa, como porventura hoje parecerá. Porquanto a ser do povo deveriam as courellas para a cultura ser distribuidas pelos moradores gratis; e a ser do concelho podia e devia (segundo alguns) exigir-se um certo preço por cada courella, mormente porque pagando-se a el-rei a terça parte das rendas do concelho, defraudar-se-ia esta terça se as courellas se distribuíssem gratis.

Vejamos o que se passou em camara a este respeito. «Aos 16 dias do mez de Margo de 1701 annos em vereação pareceram os procuradores do povo, e os mais companheiros abaixo assinados, e por elles foi dito que attendendo ao bem commum, foi resolvido em Camara o anno passado que se semeasse a *Matta de Fretos*, e se repartiu huma folha, que está semeada, e sem embargo que viesse ordem de Sua Magestade, que impedia esta resolução, elles a embargaram com o fundamento que a *Matta* e utilidade della era sua, por ser deixada ao povo por pessoa particular; e aggravando do Doutor Juiz de fora de lhe não tomar conhecimento dos embargos, tiveram provimento na ouvidoria, em o qual se ordenou ao Juiz de fora que se conservasse o povo na posse da *Matta*, e que sem embargo da ordem se cumprisse a resolução da Camara, e se fosse semeando; e correndo letigio foram recebidos os embargos do povo, e se vai continuando com a causa, a que tem dado prova, e se semeou a folha, que se repartio pera este anno; e que por ser tempo de se dar folha pera o anno seguinte, e o povo ter adquirido direito pelo desagravo da ouvidoria, e se ir semeando a *Matta*, e assim o tinham já requerido ao Doutor Juiz de fora que se repartisse nova folha; requeriam a elles senhores vereadores a que os acompanhassem, e resolvessem a partir outra folha, não como terra particular do povo, porque de outra sorte protestavam de lhe não prejudicar disposição em contrario; e requereram se lhe mandasse estender por termo este requerimento, e este protesto, de que fiz este termo, que elles assinaram. É visto pelos vereadores o dito requerimento dispozeram que se repartisse nova folha, de que fiz este termo, que todos assinaram, etc. (5)» «Aos 23 do mez de Junho de 1701 annos em vereação foi proposto pelo Doutor Juiz de fora aos officiaes da Camara que a *Matta de Fretos* estava tombada ao Concelho, e se tinha dado á cultura graciosamente ao povo estreboindose por courellas, e que estando nestes termos se lhe havia de impôr alguma pensão pera o Concelho pelos ditos officiaes respeitando ao lucro, que se tira

(3) Livro das vereações de 1688 a 1694, fl. 174.

(4) Livros das vereações.

(5) Livro das vereações de 1700 a 1704, fl. 44 v.

da dita Matta, e a terça que a respeito do dito ulcro poderia ter ElRey: e pelos ditos officiaes foi dito que seus antecessores estavam notificados por ordem da Junta do Estado de Bragança a que se não intromettessem na dita Matta, por andar correndo pleito com os procuradores do povo sobre ser ou não a dita Matta do Concelho, ou do povo, e que com os mesmos officiaes da Camara corre causa; por cujas razões se não intromettiam com a dita Matta, em quanto Sua Magestade não mandasse o contrario, nem fizeram repartição alguma da dita Matta no anno passado, nem no presente, respeitando a ordem da Serenissima Caza de Bragança, nem se metteram com a dita Matta (1); e por esta causa não consentiam na proposta do Doutor Juiz de fora, por lhe não competir coisa alguma da dita Matta, etc. (2). Em camara de 3 de novembro do mesmo anno de 1701 requereram os misteres (procuradores do povo) que era util se vendessem os pastos da Matta de Fretos para as necessidades do concelho e povo, porque não se vendendo eram comidos pelos gados dos particulares; e pelo syndico da camara foi requerido o mesmo; a que os officiaes da camara responderam que lhes parecia justo o seu requerimento; mas que estavam inhibidos por uma carta da junta do estado de Bragança para poderem consentir n'elle, especialmente pertencendo a Matta ao povo; e que assim podiam requerer á junta a licença para a venda, e em quanto a alcançassem podiam requerer na audiencia da correição o que lhes parecesse para se não comerem as pastagens pelos gados dos particulares (3). A resolução da junta do estado de Bragança foi a provisão de 16 de março de 1705, que ordena se não cultive mais a Matta de Fretos, e que fique para pastagens, como d'antes (4). Mas é certo que esta resolução não foi cumprida, por quanto em vereação de 16 de novembro de 1710 perante o ouvidor « requereram os Misteres que attenta a desigualdade da repartição da Matta de Fretos, e devendo todos os moradores entrar igualmente, pois a dita Matta foi legado, que se deixou aos moradores deste povo para seu uso, que se revogassem as posturas, que estavam feitas sobre a dita Matta, e se fizessem outras de novo. E o ouvidor e mais Camara mandaram que se repartisse a dita Matta em sete folhas, e cada uma destas em courellas de dez alqueires; as quaes seriam repartidas pelos officiaes da Camara de graça aos moradores desta villa, Ilha e Valbom, etc. (5)

N'este sentido foram feitas as novas posturas sobre a Matta em vereação de 28 de janeiro de 1711 com assistencia do ouvidor, da camara, nobreza e povo (6): e assim continuou a cultura da Matta nas sete folhas, sem embargo da provisão da junta da casa de Bragança, appresentada pelo ouvidor em

(1) Isto é contradictorio com a vereação de 16 de janeiro de 1700, na qual com accordão da nobreza e povo se mandou repartir em courellas a Matta de Fretos para se semear (liv. das vereações de 1694 a 1700, fl. 185 v.); com a vereação de 21 de agosto do mesmo anno, em que mandaram prender a Manuel Lopes, procurador que foi do povo o anno passado, por ter dado na Matta de Fretos courellas a quem lhe parecer (liv. das vereações de 1700 a 1704, fl. 17 v.); e com a vereação de 16 de março de 1701, citada no texto.

(2) Livro das vereações de 1700 a 1704, fl. 58 v.

(3) Livro idem, fl. 67.

(4) Livro de registo de 1700 e 1721, fl. 84 v.

(5) Livro das vereações de 1710 a 1717, fl. 21.

(6) Livro idem, de fl. 26 a fl. 31.

vereação de 16 de novembro de 1718, a qual ordenava se não cultivasse mais a Matta de Fretos, e ficasse no uso, que era antigamente para o povo (7); e sem embargo igualmente do parecer da nobreza e povo, dado em vereação de 24 de julho de 1742 « que é convenientissimo que a dita Matta de Fretos se não reparta em courellas, nem se fabrique; mas que se conserve infructifera, como se usava della nos annos antecedentes, sem que se dê á cultura, nem se fabrique, para que só se possa usar dos pastos e lenha, como sempre della usaram (8). »

O que ultimamente era admittido sem controversia era ser a Matta terreno de que o povo era proprietario, e a camara administradora (9); d'onde veio que as courellas se distribuiam gratuitamente aos moradores, salvo em alguma occasião de urgencia, como quando em vereação de 19 de fevereiro de 1777 com accordão da nobreza e povo se determinou que se vendessem metade das pastagens da Matta de Fretos, e as courellas, que se distribuiam ao povo, para o fim de desempenhar o concelho; ficando a administração d'esta renda a cargo de uma commissão composta do juiz de fora, do vereador mais velho, de um dos procuradores do povo, e por parte do mesmo povo tambem do doutor Pedro Alexandre Corrêa, com thesoureiro separado do da camara, com seu livro de receita e despeza, etc. e com condição que desempenhado o concelho, cessava logo a dita renda (10). Dos pastos da Matta, tambem antigamente comidos gratis, era nos tempos modernos vendida (metade) por provisão da junta de Bragança de 2 de setembro de 1782 a beneficio das calçadas da villa (11).

Ultimamente entendeu a camara que convinha mais aforar a Matta; e assim o fez dando de fóro a parte d'ella denominada o *Mattão* a João José de Almeida Cardoso do Valle Mexia por preço de 38\$000 réis em cada anno, e se lavrou escriptura em 13 de janeiro de 1836, sendo confirmado este aforamento pelo conselho do districto em 4 de julho de 1839. A Matta propriamente dita, dividida em duas courellas foi aforada a Manuel Mexia Lobo Côrte Real em 13 de dezembro de 1835 por 33\$600 réis em cada anno, e foi confirmado o aforamento pelo conselho do districto em 13 de agosto de 1839.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO VII.

O theatro de Santa Catharina e o theatro do Salitre. — Esplendores e decadencia do melodrama. — Eu e Alphonse Karr. — Actores de outro tempo e como honraram a arte. — O Porto é a terra que tem maior numero de mulheres bellas.

CHEGOU, enfim, a suspirada noute em que devia ter lugar o spectaculo *beneficente*, no theatro de Santa

(7) Livro das vereações de 1717 a 1723, fl. 37. Não se declara aqui a data d'esta provisão, e póde ser que seja a mesma de 16 de março de 1705, atras mencionada no texto.

(8) Livro das vereações de 1742 a 1743, fl. 36.

(9) Vereação de 10 de novembro de 1804, (liv. competente, fl. 81 v.)

(10) Livro das vereações de 1774 a 1784, fl. 44.

(11) Livro de registo de 1775 a 1787, fl. 171, e liv. das vereações de 1801 a 1808, fl. 81 v.

Catharina. Eu decido-me sempre pelas primeiras impressões que sinto, á vista das cousas, ou das pessoas, e raras vezes me tenho enganado.

Quando cheguei ao theatro achava-me com disposições favoraveis para acceitar bem tudo quanto visse e ouvisse.

Entrei na platea. A impressão triumphou do meu bom humor. Achei o theatro pessimo. A sala, de forma quadrilonga, estava fracamente alumada por um lustre de máu gosto. As pinturas feitas a tintas grosseiras, e representando vulgaridades, mais parecem borrões do que outra cousa. O palco está levantado de modo que, para se vêr todo o corpo do actor, fica o espectador empoleirado e entalado n'um banco diabolico, e com os pés fluctuando no espaço dous palmos acima do nivel do terreno. A construção interior do theatro é soffrivel porque de todos os lados se vê bem, e se ouvem distinctamente os actores. Os camarotes são semelhantes aos do nosso theatro do Salitre. Quanto ao resto se pleiteassem qualidades e bellezas, o Salitre alcançaria um triumpho glorioso, se o seu rival portuense não vestisse camisa lavada.

Na regularidade das representações não ha differença; no theatro de Santa Catharina representam quando querem; no do Salitre quando podem. Mas pelo que respeita aos actores a questão muda inteiramente. Os do Porto são mediocres, os do Salitre eram sublimes. E quando digo sublimes, desejo que o leitor tome a expressão na conta em que a deve ter como sincera e desapaixonada que é. Não fallo agora desse Salitre dos nossos dias, desse theatro impertinente, bulhento, borrascoso e degenerado de suas antigas grandezas; não fallo desse theatro espu-rio que se esqueceu das suas tradições gloriosas, apagando as memorias d'um passado illustre entre as suas ruinas de papelão! Fallo d'aquelle Salitre d'outras eras, d'aquelle theatro cujos triumphos espantaram a humanidade! Quando artistas com pulmões de ferro e tacões de bronze, trovejando maldições, vomitavam ondas de sangue sobre as taboas mysteriosas d'aquelle palco tepebroso! Oh tempo! tempo! O melodrama, que se arrasta hoje como uma cobra pelas cavernas mais reconditas de algum theatro de curiosos, passeava então á luz de mil côtos de sebo as suas galas opulentas, em toda a pompa da sua magnificencia! Os bandos de conspiradores, sumidos em longos capotes luctuosos, atravessavam mysteriosamente a scena, quando o amante atraído, berrando como um touro, varava os bastidores e as bambolinas com um espadão de seis covados. O tyrano, com cara de lobo cerval, apparecia vergando sob o pezo das armas, e produzia uma sensação frenetica, vertiginosa e universal! O malvado, depois de vêr triumphar a virtude d'um modo impossivel, soltava dous rugidos pavorosos com voz cavernosa e rouca, engulia um caneco de veneno, e cravava um facão no estomago! Então é que era o bonito! As paredes do theatro chegavam a rachar com as explosões do enthusiasmo. As palmas eram como os echos furibundos da tempestade; os bravos, verdadeiros furacões, produziam mais estrepito que cem peças d'artilheria. Morria-se de prazer! As mulheres desmaiavam nos camarotes, as creanças auxiliavam a manifestação geral com gritos de terror, e os paes de familia, de boca escancarada, cabellos erguidos e olhos pasmados, roxos pela compressão electrica d'uma satisfação gigantesca faziam tremer o chão debaixo dos seus pés. Oh saudoso melodrama, porque passaram tão depressa os teus esplendores? Tu eras o refugio da virtude! Se o vicio a dominava em toda a parte restavas-lhe tu, como abrigo certo, aonde ella fazia

prodigios de heroismo! E hoje?... Malvados os que te arrastaram a uma decadencia tão espantosa, com o miseravel pretexto de que eras uma forja de punhaes e um alambique de venenos! Não chores, pobre melodrama, não chores, que ainda tens amigos fieis que não te desamparam. E esses mesmos que te condemnam bem poucas vezes deixam de te sacrificar nos seus escriptos.

Eu adoro-te com o teu cortejo de paixões vulcanicas, com as tuas adagas e punhaes, com as tuas espadas e pistolas, com os teus venenos e os teus subterraneos, com as tuas abobadas de ferro em braza, com as tuas paredes humidas e as tuas luzes mortifugas, com as tuas portas falsas e os teus alçapões mysteriosos, com os teus europeis, com as tuas cadeiras e as tuas grades, com os teus sepulchros, com os teus cemiterios e as tuas chacaras lastimosas, adoro-te, melodrama, ainda que te veja de força levantada no meio do theatro, ou de espada na mão, a chacinar gente como um selvagem, a escorrer sangue humano como os tigres e os leões dos circos da Roma de Nero.

Eu e Alphonse Karr somos os dous homens que eu conheço mais independentes d'este seculo. Quando as grandes intelligencias de todos os paizes se pronunciaram contra o genero melodramatico, Alphonse Karr, o espirito fino da França, o moralista profundo, o romancista caprichoso, respondeu ao pronunciamento escrevendo um melodrama. Quando em Portugal se profere a pena de morte contra as representações do melodrama, eu que não tenho talentos para responder como Alphonse Karr, venho á luz da imprensa fazer a minha profissão de fé melodramatica.

O melodrama de Alphonse Karr está escripto segundo todas as regras da arte. Os punhaes, o veneno, os assassinatos e os tumulos encontram-se em quasi todas as scenas. Apparecem e desaparecem os personagens sem se saber porque, nem para que; dizem tudo quanto lhes parece com grande despropósito e sem vir a proposito, e fazem tudo quanto manda o auctor. E como eu entendo o melodrama. Alphonse Karr é um escriptor de bastante senso commun; eu desejava poder mostrar-lhe a minha sympathia, fazendo representar o seu melodrama nos theatros de Lisboa. Mas, com que gente? Aonde estão os artistas com pulmões tão fortes que não estropiem a idéa do escriptor com as suas vozes de falsetes? Oh! que já não exista aquelle famoso Antonio Joaquim, sapateiro e actor, que fez as delicias e o terror de nossos paes! Aquillo é que era homem, e sobre tudo aquillo é que era voz! Uma noite representava-se uma peça de selvagens; Antonio Joaquim era um rei gentio, que apparecia magnificamente coberto de pennas, com uns calções á Luiz XIV, e um manto á romana; sobre tudo isto um monstruoso capacete de plumas. Antes da hora de começar o espectáculo, Antonio Joaquim apesar de vestido de rei gentio, saiu segundo costumava todas as noites, e foi ao botequim visinho mostrar os seus magnificos adornos, e beber duas ou tres philipinas. Acabou de tocar a orchestra e Antonio Joaquim sem apparecer. Foram ao botequim e surprehenderam sua magestade gentia investindo com o quinto copo. Saiu a correr e entrou em scena perturbado por tal modo, que em vez de se assentar no seu throno tomou lugar no primeiro degrau. «Mais acima!» gritaram da platea. El-rei que era um homem ferocissimo ficou ainda mais desconcertado, e notando o sitio aonde estava, subiu outro degrau. «Mais acima!» tornam a repetir da platea. Antonio Joaquim montou outro degrau, já muito azedo com os avisos do publico. «Ainda outro!» repete

a mesma voz implacavel nas suas exigencias. O rei gentio perdeu a cabeça, e trepou para cima do throno. Fatalidade! as plumas do capacete incendiaram-se em uma das luzes do bastidor. El-rei que tinha que vir declamar á bôca da scena, sentindo fogo na cabeça atira-se pelos degraus do throno, embarça-se na capa romana, dá dous saltos e enfia de cabeça para baixo pelo buraco do ponto. O *charivari* horrivel que fazia o publico não ha penna que o possa descrever!

O movimento restituiu o sangue frio a Antonio Joaquim, que entrou de novo em scena pela porta do fundo. O publico recebeu-o com gargalhadas, mas o actor que se conhecia estava certo do seu triumpho. Começou a declamar... declamar! Era uma trovoadá. Os bravos principiaram tambem logo. Antonio Joaquim devia apunhalar uma mulher, n'esse ponto é que elle esperava os espectadores. Empunhou a victima pelos cabellos, arrancou um punhal de tres palmos e espetou-lh'o debaixo d'um braço. A victima caíu e Antonio Joaquim começou a dar-lhe punhaladas do estomago até ao pescoço. Choraram todos de enthusiasmo. O artista é coberto de applausos e sae triumphante. No outro acto passava-se a scena em um carcere tenebroso, como de rigoroso estylo nos melodramas de sandosa memoria; estavam ali dous amantes, que tentando fugir da prisão deviam segundo a peça ser surpreendidos pelo carcereiro. Este, porém, em vez da vigilancia que devia ter, adormeceu e os amantes fugiram á sua vontade contra a intenção e opinião do auctor. Dos bastidores aguilhoavam o carcereiro com duas varas immensas, porém o homem dormia sem cuidados. Que se havia de fazer? O publico principiou a insurgir-se. O actor acordou, e não vendo os prisioneiros entendeu que devia fugir tambem, attendendo ao comprometimento em que se achava. O povo applaudiu a sua resolução e pateou tudo. Era justo, mas a peça não podia continuar porque ninguem comprehenderia o seguimento, que era todo fundado nos amores dos dous fugitivos. O theatro tornou-se uma Babel. Os pulmões de Antonio Joaquim restabeleceram a ordem ensurdecendo todos os motores da desordem.

Em satisfação ao publico representou-se logo em seguida a tragedia *Fayel*. Na tragedia é que Antonio Joaquim era grande. Pertencia-lhe o papel de *Fayel*. Os espectadores conservaram por muitos annos a lembrança d'aquella noute. Antonio Joaquim foi admirado até ao furor, pela extensão, volume e força da sua voz potente. Quando no fim da tragedia tinha de apontar para o coração de *Cuci*, Antonio Joaquim n'um arrebatamento de sublime enthusiasmo artistico, empolga o coração sem se lembrar que elle era de cortiça, e principia a morder-lhe os ventriculos de papelão pintado que estavam pendentes. Era uma febre, uma raiva, um desespero de applausos que embriagaram o artista. Antonio Joaquim apunhalou todos os personagens da tragedia, mesmo os que não deviam morrer. Rasgou a golpes de punhal os bastidores, as portas, as cadeiras; foi uma carnificina horrivel que só acabou com a sua propria morte. Caiu o panno. Os actores disseram a Antonio Joaquim que tinha gritado de mais. «Gritei muito!» diz o artista indignado, «revidam que não sou capaz de tornar a representar, levantem o panno, que aqui ainda ha bofes para gritar muito mais.»

Que homem!!!...

E não ha de a gente ter saudades d'aquelle tempo. d'aquelle theatro e d'aquellas peças! Mas o theatro de Santa Catharina? O theatro de Santa Ca-

tharina não tem actores como o Antonio Joaquim, e por isso não faz fortuna. Mas aonde está hoje o theatro que possuia d'esses brilhantes ornamentos da scena? Mataram o genero, mataram os actores; gloriem-se da sua obra.

O theatro de Santa Catharina, apesar da sua pobreza d'ornatos, é bastante decente, e notei a immensa concurrencia de gente que o frequenta. O espectáculo deixou de me interessar desde que vi que não havia o genero da minha paixão. Voltei-me para os camarotes. Estavam brilhantes agora, mesmo com as suas detestaveis pinturas! Lindos typos femininos! Em toda a parte, e por todas as formas que enarei as reuniões do Porto, encontrei sempre a mesma profusão de mulheres bellas! Até n'isto é uniforme aquella cidade! Das classes mais infimas até ás mais elevadas da sociedade acham-se os mesmos perfis regulares e artisticos, os mesmos olhos meigos e fascinantes, e a mesma cutis fina e assetinada. É a primeira terra que tenho visto onde succede este phenomeno! A formosura quasi que perde ali o merecimento; procura-se uma mulher feia como uma gota d'agoa nos desertos da Arabia. Quando eu fazia estas considerações contemplando aquellos bellos astros, ouvi um grito perturbador que chamou a attenção geral. Um espectador distrahido tinha tomado lugar sobre o chapéu do seu visinho obrigando a copa a fraternisar perfeitamente com as abas. As explicações foram pedidas a murro, e dadas com a mesma honestidade. Entrou a guarda, e com pouca difficuldade restabeleceu a ordem... á pancada.

Depois da conflagração e da intervenção municipal, continuou o espectáculo, que eu soffri pacientemente até á uma hora da noute.

(Continúa.)

F. GOMES D'AMORIM.

DUAS NOTABILIDADES.

O ESCRITOR inglez Goldsmith satyricamente menciona dous personagens, originaes de que ha muitas copias.

«Certo viajante, passando por Burgos, teve curiosidade de conhecer as pessoas mais notaveis da cidade por sua sciencia; fez a este respeito algumas perguntas a um visinho da mesma; o hespanhol que aconteceu ser um licenciado respondeu: — «Pois, senhor nunca ouviu fallar do admiravel Brandellio e do engenhoso Mogusio, que é um o olho, e o outro o coração da nossa universidade. São ambos conhecidos no mundo inteiro.»

— «Queira desculpar a minha ignorancia; mas até agora ainda não ouvi pronunciar esses nomes. Peço o favor de me dizer que obra importante Brandellio tem feito.»

— «Já se vê que tendes bem pouco conhecimento do que se passa na republica das letras! Brandellio compoz um panegyrico sublime em louvor de Mogusio.»

— «Então o que fez Mogusio para ser digno de tal elogio?»

— «Escreveu um bellissimo poema em honra de Brandellio.»

— «Muito bem! E d'essas obras primas de congratulação mutua o que pensa o publico, isto é o que não pertence á universidade?»

— «O publico é uma feira de tolos, os tolos todos são criticos, os criticos assemelham-se ás aranhas e as aranhas são uns insectos que toda a gente despreza.»